

# COMUNHÃO

Revista Espírita Bimestral

Propriedade da

**COMUNHÃO ESPÍRITA CRISTÃ DE LISBOA**

[www.comunhaolisboa.com](http://www.comunhaolisboa.com)

ANO 35

Nº 210

**SETEMBRO - OUTUBRO**

**2016**

*Não aderimos ao novo acordo ortográfico*

Propriedade, Administração,  
Redacção, Composição e  
Impressão :

Índice

Página

	<b>Editorial</b>	<b>2</b>
	<b>Página de Kardec</b>	<b>5</b>
	<b>Os métodos pedagógicos de Jesus</b>	<b>9</b>
	<b>Fé (soneto)</b>	<b>14</b>
	<b>O que vale o Espiritismo</b>	<b>15</b>
	<b>Pai Nosso</b>	<b>18</b>
	<b>O uso do Tempo</b>	<b>19</b>
	<b>Opção errada</b>	<b>23</b>
	<b>A sós (soneto)</b>	<b>29</b>
	<b>Páginas do Passado</b>	<b>30</b>
	<b>Na edificação da fé</b>	<b>34</b>
	*	

Calçada do Tojal, 95, s/c  
1500-592 Lisboa  
Telefone : 217 647 441

\*

Director Responsável :  
Manuela Vasconcelos

\*

Tiragem : 150 exemplares  
Distribuição Gratuita

\*

Registo nº.211720

Depósito Legal Nº. 13972

# EDITORIAL

Realmente, tudo o que é bom acaba depressa e pensamos assim em relação ao tempo, maior ou menor, em que podemos descontraír e passar uns dias ou semanas ‘naquelas férias’ que, por sistema e ansiedade, levamos os onze meses do ano a desejar que cheguem... mesmo quando vivemos a situação de ‘reformados’ e, portanto, de férias os 365 dias do ano! Mas, quando pensamos assim, a respeito dos reformados, muitos de nós esquecemo-nos que, por necessidade ou hobby, muitos deles acabaram por ter uma reforma em que trabalham tanto ou mais que quando estavam no activo!

Pessoalmente, gostamos das férias, não por representarem uma época de *far niente*, mas pelo tempo climatérico que elas significam: é que nós, que dos 6 aos 45 anos vivemos em África, acabámos por gostar e apreciar muito mais o calor que o frio e, com o regresso a Portugal continental, passámos a ter 9 meses de frio e apenas 3 de calor! É muito pouco para quem podia usufruir de horas de praia em qualquer dia do ano!...

Aqui, Setembro significa o retomar de funções – seja para os que trabalham ainda, seja para os que se dedicaram a ocupar o seu tempo de alguma maneira, para não viverem uma vida sedentária enquanto... a morte não chega! É verdade! Queiramos ou não, temos de reconhecer existem pessoas que, depois de reformadas, ficaram simplesmente a verem os dias passarem sem os ocuparem em fazer qualquer coisa de útil... a não ser o lerem o jornal, quando lêem, verem a TV durante horas esquecidas e...

aguardarem pelo passar dos dias numa inactividade que não procuram quebrar, seja de que maneira for!

E, no entanto, há tanto de útil em que esses mesmos dias podem ser aproveitados!

Quando cruzamos com alguma pessoa que assim vive, lembramo-nos sempre de uma frase de Jesus, quando Ele disse: “Meu Pai trabalha até hoje e Eu trabalho também”... Pensamos – honestamente – pensamos que passar os dias sem qualquer espécie de actividade é ‘desonrarmos’ a dádiva diária que o Senhor nos vai fazendo, sem que a mesma seja aproveitada, e perguntamo-nos qual será a reacção dessas mesmas pessoas quando, no regresso ao mundo espiritual, tiverem de reconhecer tudo o que perderam com a inactividade que criaram para si próprias?!

Já estamos em Agosto... Considerando que “o tempo passa a correr”, talvez seja este o momento de projectarmos o que fazer a partir de Setembro... Iniciativas novas... Algum estudo, - que o estudo pode fazer-se em qualquer idade e o saber não ocupa lugar! - Uma pesquisa, sobre um qualquer tema que seja mais aliciante, descobrindo aquilo que as páginas do Tempo ocultaram e, depois, com um pouco de entusiasmo e boa vontade poderá transmitir para todos...

Quem quiser, realmente, poderá ‘enriquecer’ em muito o seu tempo, concretizando no seu dia a dia aqueles sonhos que, há vários anos atrás, afirmavam estarem guardados para quando a reforma chegasse!

E há – para quem se preocupe com o próximo – as visitas aos doentes, nos hospitais, aos velhinhos, nos lares, o auxílio

àqueles outros que vivam sosinhos e precisem de companhia para uma ida ao médico, para uma tarde ao ar livre... para... para...

Qualquer actividade será sempre mais útil que a indolência que leve uns e outros a ficarem sentados numa qualquer cadeira, aguardando que o dia se faça noite para irem dormir e, no dia seguinte, repetirem a mesma espera... enquanto por 'aqui' andarem!

Que nos perdoem estas palavras aqueles que acham natural viver-se assim mas nós, que gostamos de ser activos, pensamos que a actividade é ainda uma maneira de agradecermos ao Senhor o dia a dia que Ele nos concede, apesar de estarmos civilmente reformados... E se Ele nos continua a dar esses dias, não deveremos aproveitá-los, criando um qualquer benefício para eles... e para nós?!

Talvez seja o momento de pensarem diferente, aqueles que tanto gastam e usam os mapas que têm em casa!...

Para os outros, os trabalhadores de qualquer idade, desejamos um bom recomeço de actividades a partir de Setembro...

## *A DIRECÇÃO*

\*

# PÁGINA DE KARDEC

Continuamos hoje com a transcrição do texto da ‘Revista Espírita de Maio de 1869’, com que a editora Lake inicia o livro «Obras Póstumas»:

“Nascido em Lião, a 3 de Outubro de 1804, de antiga família que se distinguiu na magistratura e no foro, Allan Kardec (Léon Hippolyte Denizard Rivail) não seguiu a carreira dos avoengos sentindo-se, desde os verdes anos, atraído pelos estudos da ciência e da filosofia.

“Matriculado na Escola de Pestalozzi, em Yverdun (Suíça), tornou-se um dos mais aplicados discípulos daquele eminente professor e um dos mais zelosos propagadores do seu sistema de educação, que tão grande influência exerceu na reforma dos estudos da Alemanha e da França.

“Dotado de notável inteligência e atraído para o ensino por vocação e especiais aptidões, desde os 14 anos ensinava aos condiscípulos menos adiantados o que ia aprendendo.

“Foi com essas explicações que se lhe desenvolveram as ideias, que mais tarde deveriam colocá-lo entre os homens do progresso e do livre pensamento.

“Nascido na religião católica, mas educado no protestantismo, serviram-lhe os actos de intolerância por que passou, de incentivo, em boa hora, ao pensamento de uma reforma religiosa, na qual trabalhou em silêncio por dilatados anos, procurando alcançar o meio de unificar as crenças sem que

pudesse descobrir, entretanto, o elemento indispensável para a solução do grande problema.

“Foi o Espiritismo que, mais tarde, lhe facultou esse meio, imprimindo-lhe aos trabalhos particular orientação.

“Concluídos os estudos tornou a França; possuindo profundo conhecimento da língua alemã, traduziu para ela diferentes obras de educação e moral, entre as quais, o que é característico, as de Fénelon, que mui particularmente o seduziram.

“Era membro de muitas sociedades científicas e, entre elas, a da Academia Real de Arras, que, no concurso de 1831, lhe coroou uma notável memória acerca da questão: **Qual o sistema de estudos mais em harmonia com as necessidades da época?**

“De 1835 a 1840 fundou em sua casa, na Rua Sèvres, cursos gratuitos de física, química, anatomia comparada, astronomia, etc. – empresa digna de encômios em qualquer tempo, mas principalmente numa época em que bem poucos eram os interessados que se aventuravam por aquela senda.

“Sempre empenhado em tornar atraentes e interessantes os sistemas de educação inventou, ao mesmo tempo, um método engenhoso para aprender a contar e um quadro mnemónico da História da França, cujo objectivo era fixar na memória as datas dos mais notáveis acontecimentos, bem como os descobrimentos que ilustram cada reinado.

“Entre as numerosas obras de educação, podemos citar as seguintes: ‘Plano para o Melhoramento da Instrução Pública, 1828’. – ‘Curso Prático e Teórico de aritmética, segundo o Método

de Pestalozzi, para uso de Professores e de Mães de Família, 1829’. – ‘Gramática Francesa Clássica, 1831’.- ‘Manual para Exames de Capacidade. Soluções Racionais de Questões e Problemas de Aritmética e de Geometria, 1846’.- ‘Catecismo Gramatical da Língua Francesa, 1848’. ‘Programa dos Cursos Ordinários de Física, Química, Astronomia, Fisiologia’ (que ele dava no Liceu Polimático).- ‘Pontos para os Exames da Câmara Municipal e da Sorbonne’, acompanhados de ‘Instruções Especiais sobre as Dificuldades Ortográficas, 1849’, obra muito estimada na ocasião da qual ainda recentemente (1869) se faziam novas edições.

“Antes que o Espiritismo lhe viesse popularizar o pseudónimo de ALLAN KARDEC, havia ele, como se vê, sabido ilustrar-se com trabalhos de natureza mui diversa, os quais tinham por finalidade esclarecer a massa popular, prendendo-a ainda mais ao sentimento de família e ao amor da pátria.

“Em 1855, quando se começou a tratar das manifestações de Espíritos, Allan Kardec dedicou-se a perseverantes observações do fenómeno e cuidou principalmente de lhe deduzir as consequências filosóficas; entreviu de longe o princípio de novas leis naturais, aquelas que regem as relações entre o mundo visível e invisível. Reconheceu, nas manifestações deste, uma das forças da natureza, cujo conhecimento devia projectar luz a uma infinidade de problemas considerados insolúveis. Finalmente, percebeu a relação de tudo aquilo com pontos de vista religiosos.

“As suas principais obras acerca da nova matéria são: **O Livro dos Espíritos**, para a parte filosófica, cuja primeira edição apareceu a 18 de Abril de 1857. **O Livro dos Médiuns**, para a parte experimental e científica, publicada em Janeiro de 1861. **O Evangelho Segundo o Espiritismo**, para a parte moral, publicada

em Abril de 1864. **O Céu e o Inferno**, ou **A Justiça de Deus Segundo o Espiritismo**, em Agosto de 1865. **A Génese, os Milagres e as Predições**, em Janeiro de 1868. **A Revista Espírita, órgão de estudos psicológicos**, publicação mensal começada em 1 de Janeiro de 1858.

“Fundou, em Paris, a 1 de Abril de 1858, a primeira sociedade espírita regularmente constituída, com o nome de **Société Parisienne des Études Spirités**, cujo fim exclusivo era o estudo de tudo quanto pudesse contribuir para o progresso da nova ciência.

“Allan Kardec defendeu-se admiravelmente da pecha de haver escrito sob a influência de ideias preconcebidas ou sistemáticas. Homem de carácter frio e severo, observara os factos e das observações deduziu as leis que os regem; foi o primeiro que, a propósito desses factos, estabeleceu teoria e constituiu um corpo de doutrina, regular e metódico. Demonstrando que os factos, falsamente chamados sobrenaturais, são sujeitos a leis, subordinou-os à categoria dos fenómenos da natureza e fez ruir, assim, o último reduto do maravilhoso, que é uma das causas da superstição.

“Durante os primeiros anos de preocupação com os fenómenos espíritas, foram estes mais objecto de curiosidade que de meditações sérias.”

*(Continua)*

(In “Obras Póstumas”, edição Lake: Biografia de Allan Kardec).

\*



# OS MÉTODOS PEDAGÓGICOS DE JESUS

**Jesus não economizou recursos didáticos para ensinar-nos a decência, o respeito a Deus e ao próximo.**

Depois d'Ele a Terra nunca mais seria a mesma!... Muitas criaturas lograram registrar seus nomes na História, mas Ele dividiu-a em duas partes: antes e depois d'Ele.

Dizia que não era sua a Doutrina que ensinava, pois a aprendera junto ao Pai Celestial. Ele era o Médiu de Deus, o canal através do qual a Mensagem Divina chegou à Humanidade para libertá-la do império das trevas e da ignorância.

Aproveitava-se da beleza exuberante da Natureza em festa para emoldurar o Verbo Divino portador da Boa Nova.

Quando o disco solar declinava no horizonte, dardejando flechas de ouro que se derramavam pelas encostas plenas de trigais maduros, e a brisa suave carreando os delicados perfumes das flores multicoloridas acariciavam os rostos sofridos, vincados pelas dores e necessidades variadas, Sua voz penetrava como punhal de luz na alma enferma do povilêu, lenindo dores e acendendo novas esperanças em suas existências obscuras.

Vezes sem conto utilizou-se da maiêutica socrática para alavancar das profundezas abissais das almas a luz divina aprisionada nas trevas da ignorância: *Que diz a Lei? Que lêis lá? Se o sal for insípido, com que se há-de salgar? Se amardes só os*

*que vos amam, que galardão haveis? Se saudardes somente os vossos irmãos, que fazeis de mais? Não fazem os publicanos também o mesmo?*

Escarafunchando as mais íntimas anfractuosidades das almas e corações com o Seu bisturi de luz, esvurmava as feridas purulentas e acendia as claridades do Reino dos Céus nas trevas terrestres.

Reformulou totalmente o perfil que Moisés desenhara do Pai Celestial, demonstrando que Deus é o Pai de todos, aos quais ama com o mesmo enternecimento, sem distinções, sem segregações, sem privilégios de uns em detrimento de outros.

Com poesia e encantamento, Amélia Rodrigues aduz<sup>1</sup> :

“(…)Esse Divino Genitor jamais ameaça nem castiga. Ao apresentá-IO a Israel e, por extensão, à sociedade de todos os tempos, Jesus exalta-lhe a paternidade sublime, facultando uma visão nova e justa em torno do seu afecto por tudo e por todos. Glorifica-O em a Natureza, que transforma na Sua cátedra de ensino, chamando a atenção para a magnitude do Cosmo e a grandeza das ignoradas expressões de vida invisíveis e vibrantes. Em Seu nome falou aos deserdados do mundo, com o mesmo encantamento com que o fez aos poderosos de um momento, atendendo ao pecador e miserável moral, quanto ao casto e puro discípulo da Sua mensagem; honrou as espigas maduras do trigo, comendo-as num sábado, enquanto elogiou as minúsculas sementes de mostarda; usou o espelho das águas do mar calmo, para refletir o azul turqueza dos céus claros das manhãs iluminadas na Galileia singela... Ainda, em Seu nome, abençoou os campos verdes e a relva seca transformada em labareda; usou a imagem da serpente astuta e das pombas simplórias; das feras que

têm os seus covis e das aves com os seus ninhos; dos lírios alvinitentes e dos pássaros cantores, como se cada uma dessas mensagens vivas fosse uma nota retumbante da incomparável sinfonia que cantou aos ouvidos da Humanidade.

Tendo nascido entre pastores, fez-se Pastor das ovelhas humanas, entre as quais se escondiam cabritos e lobos disfarçados, amando-os, porém, a todos com a mesma ternura e informando que são filhos do mesmo Pai, sem nenhuma distinção nem preconceito, nem julgamento antecipado.

Informou que o Pai jamais deixou os filhos sem notícias da Sua progenitura, o que realizou através de anjos, dos profetas, de mensageiros de toda a espécie, de acontecimentos grandiosos uns, delicados outros, de forma que ninguém jamais viesse a sentir-se órfão.

(...) A arte insuperável de narrar história era um dos recursos pedagógicos mais enriquecedores de que podia dispor, e todos os grandes pensadores utilizaram-se desse admirável mecanismo para expressar o seu pensamento. Ele também assim o fez.

Ante as inseguranças e problemáticas do entendimento da ética-moral e dos deveres a todos impostos pela vida, Ele recorria às imagens vigorosas do quotidiano, para que pudessem entender e vivenciar o mais valioso recurso de dignificação humana... E as parábolas espocavam dos Seus lábios como flores do campo, naturais e formosas. Uma delas informava que se tratava de um homem rico, que possuía um mordomo que foi acusado de estar utilizando-se em benefício próprio, dos bens que não lhe pertenciam. E porque tudo indicasse a realidade infeliz da sua conduta, o amo chamou-o e pediu-lhe que prestasse contas da sua

mordomia, porquanto já não tinha condições de merecer fé nem respeito. Surpreendido pela atitude severa do amo, o infiel começou a conjecturar a respeito do futuro que lhe estava reservado, constatando não possuir recursos para o exercício de uma outra função, que lhe exigisse esforço e luta. Então, desonesto como era, convidou um dos devedores do seu patrão e perguntou-lhe:

- Quanto deves ao meu senhor?

Informado que eram cem cados de azeite, propôs-lhe que anotasse apenas metade, comprometendo-se a pagá-los. E o mesmo fez em relação a outro devedor, que informou serem cem coros de trigo, indicando-lhe que anotasse apenas oitenta e não deixasse de pagá-los.

Com tal, o sagaz agradou aos devedores, que lhe ficaram amigos, mas também poupou o seu senhor de grandes prejuízos, garantindo-lhe o recebimento de parte das dívidas. Em face dessa astúcia, o amo também o estimou, porque essa atitude era compatível com aqueles outros desonestos que se comportavam da mesma maneira, muito diferente dos *filhos da luz*.

E arrematou, enfático: *Grangeai amigos por meio das riquezas da injustiça, para que, se estas vos faltarem, vos recebam eles nos tabernáculos eternos. Quem é fiel no pouco, também é fiel no muito, quem é injusto no pouco, também é injusto no muito. Se, pois, nas riquezas injustas não fostes fiéis, quem vos confiará as verdadeiras? E se no alheio não fostes fiéis, quem vos dará o que é vosso? Nenhum servo pode servir dois senhores, porque ou há-de odiar um e amar o outro, ou há-de dedicar-se a um e desprezar o outro. Não podeis servir a Deus e às riquezas.*

Os farisues, que eram gananciosos, ouviam todas estas coisas e zombavam d'Ele.

As riquezas da injustiça constituem os recursos que a sagacidade consegue, amealhando para outrem enquanto acumula também para si. Impossibilitado de ser honrado no cumprimento dos deveres que lhe dizem respeito, o indivíduo utiliza-se dos bens que pode reunir, compensando a própria astúcia com os valores que supõe pertencer-lhe. Esse comportamento reserva-lhe meios de sobrevivência para o futuro, mas não lhe grangeia a paz de consciência, pelo reconhecer da falibilidade moral e defecção espiritual.

Esse treinamento da honra ao lado dos pequenos valores, de alguma forma prepara-o para as grandes conquistas de que se verá a braços, a serviço do Senhor da Vinha, Aquele que é a Justiça e a Soberania.

A sua posição enfrenta, então, duas alternativas: a que diz respeito ao mundo imediato e aquela que se refere à transcendência. Quem deseje a eterna, certamente terá que despojar-se da ambição enganosa dos valores transitórios, porque em serviço da auto-iluminação, necessita despojar-se de toda a sombra interior, enquanto caminha pela senda humana.”

1 – FRANCO, Divaldo Pereira. *A Mensagem do Amor Imortal*. Salvador, LEAL, 2008, capítulos 7 e 30.

**ROGÉRIO COELHO**  
(Mauriaé – M.Gerais – Brasil).

# F É

Quem pôs ouro na areia e pôs na fonte  
Água que mata a sede e vem regar  
A terra que dá pão? Quem fez o mar?  
Quem fez a várzea, e o vale, e fez o monte?

Quem pôs na linha fina do horizonte  
Tantos rubis – na tarde a agonizar?  
Quem deu à noite a prata do luar?  
Quem deu à ideia o berço duma frente?

Quem deu brancura aos lírios, cheiro às rosas?  
Quem fez brotar das almas misteriosas  
O amor da fantasia alegre ou triste?

Quem pôs astros sem fim no firmamento,  
E pôs em cada pedra um pensamento?  
Responde agora, ateu: Deus não existe?

*PEDRO HOMEM DE MELO*

# O QUE VALE O ESPIRITISMO

A Doutrina Espírita ensina e demonstra:

1° - que a morte não é o aniquilamento do ser individual; mas apenas uma simples passagem de meio;

2° - que a alma, essência pré-existente da individualidade humana, é, por necessidade da natureza, imortal e indefinidamente perfectível;

3° - que essa perfectibilidade se opera por via de reencarnações sucessivas em novos corpos, neste e em outros mundos do espaço insondável;

4° - que, desta sorte, não há eleitos nem réprobos, felizes e infelizes eternamente: há, tão só, indivíduos mais ou menos avançados na escala da perfectibilidade, a qual só se conquista à força de trabalho e de sofrimento.

Daí resulta que o homem vive assim numa constante esperança, que o anima e consola, mesmo no meio da mais cruel adversidade; porque tem a certeza de que o seu progresso futuro só dele depende, e que os sofrimentos da existência actual são o crisol indispensável para o seu depuramento.

Pelo contrário, aqueles que não crêem na imortalidade e na reencarnação, aqueles que vêem no homem apenas uma pouca de matéria que a morte desagrega e dissolve nos seus elementos químicos, vivem uma vida intranquila, lutando constantemente para conquistar a riqueza, fonte única e exclusiva do seu bem terreno, único que a tacanha inteligência concebe e aprecia.

E quando um dia a doença o persegue ou as desditas o assediam, esse homem vive num estado de desespero constante, porque se considera um desgraçado irremediavelmente perdido. Então, alucinado pelas ideias falsas em que se tem deixado embalar, julgando que a morte é o esquecimento e o aniquilamento do ser, suicida-se, praticando assim o maior crime que podia cometer, e a maior loucura em face da razão e da verdade.

Este paralelo frisante entre o espiritualista convicto e o materialista descrente, leva-nos à seguinte conclusão: - Se a imortalidade da alma e a reencarnação fossem uma mentira, seriam ainda assim abençoadas mentiras, porque delas, com a esperança, nos adviria a felicidade.

Por isso, temos nós dito muitas vezes, e não nos cansamos de o repetir: o espírita convicto é sempre um ser essencialmente feliz, porque se reconhece imortal e sabe que o seu destino futuro só dele depende.

Mas não é só esta a vantagem que nos advém da doutrina e crença espírita: há outras mais, que interessam à sociedade em geral, embora ao mesmo tempo redundem em nosso benefício também.

Como esta crença exige que não façamos aos outros o que não quereríamos que nos fizessem e só façamos a outrem o que desejaríamos nos fizessem a nós, daqui resulta que somos assim racionalmente forçados a ser bons para com todos.

Ora, dada assim a reciprocidade entre todos os que partilham esta crença, daqui resulta que, se fosse possível que a maioria dos homens seguisse essa benéfica orientação moral, as



relações sociais tornar-se-iam tão suaves, que deslisariam sem atritos nem emperramentos nocivos.

Por outro lado, como o espiritismo não é uma religião, embora seja uma crença filosófica meramente racional e experimntal, não está eivado do espírito de seita, que tantos males tem causado em todas as épocas, separando os homens em vez de os unir num laço fraterno. As religiões separam-os em crenças adversas, que mutuamente se anatemizam, quando não se degolam reciprocamente.

Ao contrário, o espírita respeita todas as religiões no mesmo pé de igualdade, porque em todas reconhece um fundo de verdade, de mistura com muitas ficções e absurdos e fica meramente deísta, de um deísmo que nada tem de antropomorfo. Respeita e reconhece o Cristo como o Messias mais perfeito que tem encarnado na Terra, e adota a sua moral, por não haver outra mais perfeita.

Quanto aos materialistas, não os condena nem anatematiza; lamenta o seu estado de atraso psicológico, que não lhes permite que possam ver a verdade sem ficarem deslumbrados.

É que as verdades e factos do Espiritismo, para poderem ser compreendidos e assimilados exigem, no que os estuda, um grau de adiantamento psíquico e moral que nem sempre anda a par com o desenvolvimento intelectual.

O materialismo é como o míope que não pode distinguir e apreciar os objectos distantes, por mais esforços que empregue.

A sua visão apoucada não lhe permite ver além do campo material em que vive. Lamentemos a sua estreiteza de vistas, mas

não lhe queiramos mal por isso porque, por via de regra, não tem culpa.

Um dia lhe chegará em que poderá ver como nós. Que esse dia chegue breve, é o nosso vivo desejo.

***AFONSO ACÁCIO MARTINS VELHO***  
(1º Presidente da Federação Espírita Portuguesa)

(In: Revista O ESPIRITA, da F. E.P., Abril a Julho de 1924).

\*

## **PAI NOSSO**

Oh! Pai do Espírito, que tão alto moras, e que, ubíquo, eterno, brilhas em cada raio da Tua Luz, santo é o Teu nome e floresça, eternamente, nas almas dos homens de fé!

Venha a nós a Tua Paz!

Sejamos nós a repercussão da Tua Vontade, nesta vida de erros e na outra de verdade!

Dá-nos o alimento espiritual do Teu Amor!

Perdoa e ensina!

Expulsa a tentação que rasteja sob os nossos passos, livra-nos do mal de fechar os olhos para não ver a Verdade Eterna!

***EUGÉNIO TAVARES***  
(Cabo Verde, 18-10-1867/1-6-1930)

# O USO DO TEMPO

Como se sabe, o dia é o período de tempo que corresponde a uma volta completa da Terra sobre o seu eixo. Na contagem da Humanidade terrestre, é constituído por vinte e quatro horas, que são iguais para todos os que nela habitam. A diferença reside no que cada um faz do tempo de que dispõe. Muitos o aproveitam da melhor forma possível e outros, ao contrário, simplesmente o desperdiçam, usando de seu *livre arbítrio* que, segundo o Dicionário Escolar da Língua Portuguesa da Academia Brasileira de Letras, é a *liberdade para tomar decisões de acordo com o seu próprio discernimento*.

Interessante notar que os mais ocupados são, em geral, os que mais conseguem realizar tarefas adicionais que lhes são solicitadas. Nada obstante estejam com a agenda completa, com disciplina e boa vontade sempre conseguem encaixar e acrescentar algo a mais, e se aceitam, sem nenhuma dúvida, cumprirão o compromisso extra, a tempo e a hora.

Já os que dispõem de bastante tempo, e não estão tão ocupados, em geral, apresentam desculpas de variadíssima ordem para declinar o convite e não realizar a tarefa extra que lhe foi proposta.

A vontade e a disciplina são factores fundamentais para o bom uso do tempo. Com a utilização do *bom senso que ajuda as nossas escolhas*, as vinte e quatro horas do dia podem ser bem distribuídas entre trabalho, actividade física, lazer, entretenimento, leitura e estudo, descanso, etc..

A propósito, como muito bem esclareceu Léon Denis: *A vontade é a maior de todas as potências; é, em sua acção, comparável ao imã. A vontade de viver, de desenvolver em nós a vida, atrai-nos novos recursos vitais; tal é o segredo da lei de evolução.* (O Problema do Ser, do destino e da dor, capítulo XX, 32ª ed. FEB 2014, p. 291).

Não foi por acaso, portanto, que a sabedoria popular, depois de longa e aguda observação do dia a dia, construiu a expressão *querer é poder*.

Por outra parte, é deveras curioso observar que as cédulas do dinheiro norte-americano contêm a inscrição *Nós confiamos em Deus* (In God we trust) e, apesar disso, os cidadãos que habitam aquele país, de um modo geral, consagram de maneira muito forte a ideia de que *tempo é dinheiro* (Time is Money).

O dinheiro, seja de que país for, é neutro. Se for bem utilizado, ótimo. Se for mal empregado, que lástima (vale registrar que as cédulas do dinheiro brasileiro, em letras miúdas, contêm a expressão *Deus seja louvado*).

No entanto, muito mais que dinheiro, *tempo é oportunidade*, como muito bem apontado pelo Espírito Joanes, através da psicografia do eminente médium Raul Teixeira:

*Com calma você entenderá cada ocorrência à sua volta e cada pessoa em seu caminho.*

*Nada você perderá pelo uso da calma em sua trajetória humana, pois, longe de alimentar-se da ideia materialista de que tempo é dinheiro, você começará a pensar que,*

*fundamentalmente, tempo é oportunidade, e que você deverá aproveitá-la para o melhor.*

*Mesmo que deixe de lucrar algumas poucas moedas no jogo enlouquecido das competições, você conquistará harmonia e saúde, a fim de prosseguir na rota da felicidade que tanto deseja (Para uso diário, cap. 7, 6ª ed. Frater, 2014, p.54).*

Tempo é oportunidade! E que grande oportunidade!

Oportunidade de aprendizado; de correção de erros, males e equívocos de passado recente ou remoto, ainda que de modo parcial; de aperfeiçoamento pessoal, intelectual e moral; de crescimento através do trabalho; de conhecimento que pode ser obtido nos campos das ciências, da filosofia, das artes, das letras; de ampliação do *conhecimento de si mesmo, que é a chave do progresso individual* (questão 919 de O Livro dos Espíritos); da reforma íntima, para melhor; da mudança de postura e de compostura, para citar apenas algumas poucas hipóteses que o bom uso do tempo pode proporcionar-nos.

Sobre a oportunidade do trabalho, por exemplo, o mesmo Espírito Joanes, antes referido, igualmente através da psicografia do incluíto médium Raul Teixeira, recomenda: *Faça do melhor modo o seu trabalho. Esteja certo de que, se trabalha mal, se empresta má vontade àquilo que faz, embora possa causar transtornos aos outros, a si mesmo é que estará prejudicando.*

*Ainda quando você não receba as considerações e reconhecimento como gostaria, na Terra, pense na oportunidade que lhe está oferecendo o Pai da Criação. Ao seu tempo tudo melhorará.*

*Não se perca, evitando perturbar-se em sua actividade profissional. Antes, aprimore-se. Faça tudo com carinho e rigor*

*para que a sua estada no mundo seja de muito proveito para o seu grande futuro.*

*A sua vida pode tornar-se um estuário de felicidade, num campo de alegria, evadindo-se das cadeias do remorso, do pessimismo, do egoísmo, do mal, enfim, para que a sua travessia humana seja um hino de ventura para o seu encontro com Deus por meio do seu semelhante. (Para uso diário, cap. 11, 6ª ed. Frater, 2014, p. 74).*

De outro lado, o emprego do tempo de modo adequado, equilibrado e positivo, com análise e observação atentas e, ainda, com leitura e estudo crescentes e permanentes, pode resultar em significativo avanço moral.

Pode ajudar-nos a conseguir sermos pessoas de Bem, voltadas para o Bem e para a sua prática, úteis onde quer que nos encontremos, bem dispostas a cumprir a parte que nos compete, com zelo, com empenho, com competência, com qualidade e com amor.

Se já sabemos que *uma das finalidades do Espiritismo é a de tornar melhores as pessoas que o compreendem* (Revista Espírita, Julho de 1858) podemos empenhar-nos em conhecê-lo e compreendê-lo melhor (e, por este modo, estaremos usando muitíssimo bem o tempo de que dispomos), lendo e estudando, ainda que a pouco e pouco, as cinco obras fundamentais (*O Livro dos Espíritos, O Livro dos Médiuns, O Evangelho Segundo o Espiritismo, O Céu e o Inferno e A Gênese*), os doze primeiros volumes da *Revista Espírita* e também o livro *O que é o Espiritismo*, do próprio Professor Hippolyte Léon Denizard Rivail, o nosso Allan Kardec.

Tornando-nos melhores, será mais fácil enxergar no próximo um irmão e fazer a ele somente o que gostaríamos que ele nos fizesse, com o que estaremos colocando em prática o ensinamento máximo de Jesus, o Cristo, Modelo e Guia da Humanidade, nosso Irmão, nosso Mestre, nosso Amigo de todas as horas.

E sendo melhores, sem um átimo de dúvida, seremos mais felizes desde logo e aqui mesmo na Terra.

*ANTÓNIO MORIS CURY*

(Transcrito, com a devida vénia, do jornal brasileiro MUNDO ESPÍRITA, da Federação Espírita do Paraná, em Curitiba, Junho de 2016).

\*

## **OPÇÃO ERRADA**

A resposta 621 de ‘O Livro dos Espíritos’ à pergunta de Allan Kardec sobre “Onde está inscrita a lei de Deus”?, é taxativa na sua simplicidade: “Na nossa consciência”. E, de cada vez que nos propomos fazer algo de errado, nós, os seres inteligentes da Criação Divina, somos sempre advertidos – melhor ou pior, mediante o nosso conceito de moral – do que devemos e não devemos fazer, mediante aquilo que, em determinado instante da vida de cada um, pensamos realizar. E não vale a pena desculparmo-nos com as palavras de sempre de que “não sabemos”, “nunca ninguém nos disse”, porque os Espíritos

Superiores, que sabem bem mais do que nós, afirmam-nos que sim, que sabemos – a menos que a nossa consciência esteja totalmente adormecida e “lhe dê” muito trabalho acordar-nos com a advertência do certo e do errado...

Lamentavelmente, o homem habituou-se a procurar, para a fuga ao sofrimento e aos obstáculos que surgem no seu caminho da Vida, o que de mais errado existe – ainda que pense que é o mais certo a fazer! E se os ateus, os que vivem sem um mínimo de fé na ‘vida que continua’ pensam que essa fuga representa um acto máximo de coragem, os outros, os que a têm, afirmam, não poucas vezes que vão fazer o que Deus quer, porque – se Ele não quisesse, já tinha dado uma solução aos problemas que enfrentam! E da primícia errada para uma conclusão mais errada ainda, colocam em Deus a culpa dos seus erros e, ainda, da solução dos problemas por eles mesmos criados, esquecidos da advertência de Jesus, quando há pouco mais de 2000 anos afirmou que “tudo terá que ser pago até ao último ceitil”! E Jesus referia-se à Lei de Causa e Efeito, ou, se quisermos ser mais simplistas na sua significação, refiramo-la com “A sementeira é livre mas a colheita obrigatória”, ou ainda com aquele ditado tão velhinho que vem já do tempo dos nossos avós: “Quem semeia ventos, colhe tempestades!...” Palavras diferentes, estas e aquelas, mas significando todas o mesmo!

Só quem participe de uma reunião mediúnica tomará conhecimento com todo o horror que são as consequências do suicídio e, ainda aqui, este ‘todo’ será sempre relativo porquanto, ao manifestar-se no seu sofrimento, a entidade que precisa de auxílio e esclarecimento não sabe dizer quanto tempo já passou, quantos anos já decorreram desde o cometimento do tresloucado acto!



Tresloucado, sim! Porque, se quem não sabe nadar soubesse os anos que vai lutar contra o afogamento acontecido; se quem pegou numa arma e a fez disparar, está continuamente a repetir o mesmo movimento e a sentir a dureza da bala a penetrar-lhe nas carnes e quebrar-lhe os ossos; se quem emborcou um copo com um qualquer veneno letal continua a sentir a sua destruição na queimadura do que bebeu e o vai minando conforme lhe entra no organismo; se quem se atira para a frente de um carro ou de um comboio, sente continuamente as dores da pancada e busca juntar as múltiplas partes de si próprio que se espalharam no caminho – se tudo isto e muito mais do que cada um concretizou, continua pelo tempo que lhe faltaria viver de vida terrena naquela existência, quanto menor não será o sofrimento de se estar desempregado; de se ver um ente querido partir como consequência de uma doença incurável; de não se conseguir dar uma solução a qualquer um dos muitos problemas que surjam e não se tem coragem de enfrentar e tentar resolver!

Troque-se o orgulho de um nome e de funções bem reconhecidas na sociedade pela humildade de se fazer qualquer coisa, desde que seja sempre digna; troque-se a recordação do que já se possuiu em bens materiais pelo reconhecimento do nada que eles valem frente à necessidade do que é realmente importante; viva-se o dia a dia, na certeza de que ninguém está só e, com o apoio e união dos familiares, cada um conseguirá vencer – desde que não acalente a ambição de continuar a ser o que foi anteriormente... Será que não foi o orgulho de uma ‘posição superior’ que o seu título académico ajudou a conquistar, que levou muitos e muitos a caírem na perdição de tudo o que haviam adquirido, por não terem sabido manter-se ... dignos, honestos, sem ambicionarem mais do que o que lhes era necessário para uma vida correcta? E, nesta conquista que os levou à perdição, o que fizeram da união familiar? Que aconteceu ao lar criado

anteriormente, aos filhos pelos quais são – deviam ser e sentir-se – responsáveis, e a quem apenas souberam dar dinheiro e dinheiro, para que não os incomodasse a falta de assistência que lhes davam... – como se o dinheiro substituísse presença, conselhos, conversas... carinho... orientação... apoio?!

Ainda aqui, o dinheiro conseguiu calar a voz da consciência que os alerta para a responsabilidade que se tem com todos aqueles que passaram a fazer parte da corrente a que chamaram ‘família’! E quando, aparentemente, tudo falha, de repente sentem-se perdidos porque criaram uma existência onde o amor- que devia ser a base de tudo – falhou há muito tempo! Então... procura-se a solução no imediato!

A busca do caminho da morte não é solução, nem sequer para aqueles outros, diferentes dos primeiros, que tomando conhecimento de que têm uma doença incurável, procuram terminar mais depressa com o sofrimento, pelo medo do que vão sofrer! A morte chegará, pelas vias normais, apenas quando Deus o entenda... e quem poderá afirmar que o tempo que o médico determinou que a doença demorará a ‘acabar com ele’ não será protelado mais e mais... enquanto um novo medicamento que surja poderá, talvez, fazer o “milagre” de o curar?!

O suicídio nunca é, nunca será solução para nenhum caso – por mais grave que ele possa parecer aos olhos e mente de quem começa a nele pensar – creiam! E o tempo de sofrimento – bem maior que o vivido até então – que terão ainda, depois dele concretizado, gritará na consciência de cada um pelas dores que se criaram e poderiam, de todo, terem sido evitadas apenas com um pouco mais de coragem... de fé!

“A vida continua” não são apenas palavras a embelezarem uma história mais ou menos bela: são uma verdade e uma advertência, como que a gritarem para cada um que se sofre, sofrerá muito mais depois; se chora, o choro que viverá será incessante; as dores tornar-se-ão tão lancinantes que perderá as forças a gritar de desespero! E... afirma Camilo – o nosso Camilo – no livro mediúnico “Memórias de um suicida”: a juntar a todo o sofrimento que se criou com o tresloucado acto perpretado, tem-se ainda, por tempos infindos, o cheiro das próprias carnes em decomposição e o sentir dos vermes que lhas vão corroendo!

Delphine de Girardin, no capítulo V de ‘O Evangelho segundo o Espiritismo, diz: “Para julgar uma coisa é imperioso vê-la nas suas consequências. Assim é que, para apreciar o que é realmente ditoso ou representa infortúnio para o homem, é mister transportar-se além desta vida, porque é lá que as consequências se manifestam. Ora, tudo aquilo que ele chama infortúnio, de conformidade com o seu prisma acanhado, cessa com a vida e tem sua compensação na vida futura.”

Nos tempos que vamos vivendo, parece que se tornou ‘corriqueiro’ o buscar-se o suicídio para terminus dos problemas que cada um enfrenta e, quem o faz, julga cometer um acto de coragem com a sua desistência de continuar a viver... mas a vida continua porque nós somos imortais, assim criados pela Vontade Divina de quem nos criou para sermos felizes – numa felicidade que nos aguarda, no fim do caminho de cada um, e significa a perfeição para que Ele, o Senhor, nos criou! Ele, o Pai, pelo Seu Emissário, Jesus, apontou-nos o caminho a percorrer: nós, seres imperfeitos mas inteligentes da Criação – ou deveríamos, antes, dizer: seres inteligentes e imperfeitos da Criação? – vamos enchendo esse mesmo caminho com obstáculos que criamos a

cada passo, como se o ‘masoquismo’ tivesse de fazer parte do nosso dia a dia!

Troque-se o masoquismo por um pouco mais de fé e esteja-se mais atentos à voz da consciência, de cada vez que ela lembre o mandamento da lei do Senhor ao advertir, determinando: NÃO MATARÁS! Buscando uma solução para cada problema, com humildade e esperança no dia de Amanhã, lembrando-nos todos que somos Criação Divina, conseguiremos trocar as ideias negativas pelas positivas e, de cabeça erguida para enfrentar-se a luta, veremos finalmente o Sol, que nasce a cada dia por vontade de Deus, e nos aquece e fortalece com a sua luz... uma luz que nos ilumina o caminho a percorrer!

A coragem afinal, está em seguir em frente!

**MANUELA VASCONCELOS**

\*

***Fé inabalável é somente aquela capaz de enfrentar a razão, face a face, em todas as épocas da Humanidade.***

**ALLAN KARDEC**

## A SÓS...

Para que julgas, Homem!, saber tanto,  
Se tudo quanto sabes é bem pouco!...  
Ergue a cabeça tua, pobre louco!...  
E pesquisa no fundo desse manto.

Vê tu se à vastidão encontras termo.  
É tudo infindo como o pensamento!...  
Vão as ideias como ténue vento,  
Encontrar-se vogando em puro ermo...

E, todavia, ao longe há muito ainda!  
Que procurar saber os homens devem,  
Pois é ciência bem formosa e linda!

Vá! Não pares! Investiga! Luta!...  
Posto que os anos sobre a fronte nevem,  
Há sempre mundos que a razão prescruta.

*DÁ MESQUITA, médico*

Porto, Janeiro/Fevereiro de 1939.

# PÁGINAS DO PASSADO

## UMA TESE E UMA ATITUDE

O facto que vamos narrar seria natural em qualquer parte do mundo em que o preconceito científico não tivesse mergulhado raízes fundas, pois a liberdade de pensamento deve estender-se a todas as actividades humanas. Emitir opiniões, exteriorizar sentimentos é a mais bela prerrogativa do espírito. Se um universitário preparou tese relativa à parte mais nobre do ser, demonstrando a existência de forças que muitos diplomados impugnam *à priori*, porque se lhe havia de impedir essa manifestação volitiva num areópago de sábios? O misoneísmo científico impera em vários sectores da vida mental. Uma classe reivindica o que pertence a outra por direito de conquista. Mas há assuntos ‘diabólicos’, cujo enunciado causa horror aos espíritos fortes educados no velho tradicionalismo.

Fala-se a cada instante no reinado do espírito, na necessidade de ascender a planos mais altos e combate-se, por sistema, a base desse esforço meritório. Como abstracção, o espírito discute-se em todos os sentidos; tem adeptos nos credos religiosos e até nos sectores chamados positivistas; mas quando se lhe dá foros de realidade e se encara como célula de um mundo normal a que um dia pertenceremos, mil vozes se levantam em coro unísono e a realidade passa a abstracção.

Pois um novo apareceu agora na Faculdade de Letras de Lisboa a fechar o curso com uma tese intitulada “Faculdades Latentes na Psique”, ante um júri de consagrados, um dos quais

pertencente à Sociedade Teosófica de Portugal. Eram oito os próceres que o Dr. Luiz Avelar de Aguiar enfrentou através de um trabalho digno de louvor, quer pelo arrojo da atitude, quer pela clareza da argumentação: Dr. Vieira de Almeida, catedrático de Filosofia e arguente; Dr. Délio Nobre dos Santos, catedrático de Psicologia e membro da Sociedade Teosófica; Dra. Virgínia Ramos; Dr. Mário de Albuquerque; Dr. Artur Moreira de Sá; Dr. Bandeira Ferreira e o Dr. Ferreira de Almeida.

Pela primeira vez em Portugal os fenómenos psíquicos subiram ao estrado da universidade, sujeitos à análise de mestres indiscutíveis e pela primeira vez um jovem talentoso arriscou a posição mental, levando à crítica científica um estranho mundo fenoménico a que poucos estavam habituados.

A tese contesta a atitude negativista da “ciência oficial” no tocante aos fenómenos psíquicos e denuncia a precaridade actual dessas posições em contradição com o verdadeiro critério no estudo dos factos metapsíquicos. Para reforçar o trabalho, apresentou o método conveniente oferecido ao investigador, acrescido das principais hipóteses explicativas do hipnotismo. Como se vê, o Dr. Luiz de Aguiar não se ergueu como espírita, porque isso teria menos valor no conceito do arguente. Ergueu-se como estudioso que entreviu hipóteses de trabalho e procurou analisar racionalmente, sem ideia preconcebida, pouco lhe importando o sector mental ou espiritual em que o pudessem enquadrar. Era inabitual o tema? Que importava, se tudo quanto existia implicava estudo sério? A Filosofia abriu-lhe um campo inteiramente novo e o pensador analisava friamente, desbravando terreno, apeando interrogações, rumo à verdade perquirida.

Num crescendo de objectivismo, criticou e classificou certos fenómenos ligados à hipnose profunda e assim foi abrindo

caminho ao estudo expositivo da fenomenologia mediúnica, em escala de complexidade até à exposição de um facto de aparente actividade póstuma.

Não deixou também de criticar e impugnar determinadas teses, segundo as quais os ‘médiuns’ são verdadeiros casos patológicos, e analisou seguidamente várias hipóteses tendentes à explicação das manifestações mediúnicas, bem como as atitudes psíquicas subconscientes. E assim demonstrou a sua tese, afirmando que existem no Homem faculdades supranormais, ou, antes, inabituais, como as classificou o grande fisiologista Richet, que dão origem a meios extraordinários de percepção e acção sobre o chamado meio exterior.

O Prof. Vieira de Almeida, depois de valorizar, positivamente, a documentação carreada pelo autor da tese e de salientar a extrema dificuldade de entrar num campo onde as interpretações abundam, afirmou que o cientista hodierno deve ter grande interesse pelo inabitual e dissertou largamente acerca do defeito generalizado de misturar o ‘maravilhoso’ com os fenómenos inabituais, louvando o candidato por ter estabelecido claras distinções no desejo permanente de atingir a objectividade. E num tom de sinceridade que muito o enobreceu, disse estar convencido de que aumentaria cada vez mais o número de pessoas idóneas no interesse por tão interessante sector da investigação.

Tendo o Prof. Vieira de Almeida preferido, de maneira geral, orientar a sua crítica no domínio da “Teoria do Conhecimento”, em vez de se cingir ao conteúdo da tese, foi nesse terreno que replicou o candidato, concordando, aliás, com as considerações do catedrático sobre a tese em questão. Em breve comentário, o Prof. Délio Santos, respondeu a uma crítica do candidato afirmando que o facto de tal fenomenologia não ser



especialmente estudada nas cadeiras de Psicologia é devido à preocupação de preencher os cursos com o estudo de matérias de mais imediata aplicação.

Para nós, espíritas, este acontecimento tem especial relevo, não pela tese do candidato – conhecemos alguns estudantes que desejariam imitá-lo – mas pela atitude da Faculdade de Letras, que deu um alto exemplo de isenção didáctica, fugindo ao tradicionalismo e à rotina e permitindo que um aluno se ocupasse de assuntos que muitos pseudo-sábios consideram devaneio de nefelibatas.

Felicitemos o Dr. Luiz Avelar de Aguiar pelo desassombro da sua atitude e pelo valor do seu trabalho que, em 30 de Julho último, foi plenamente aprovado.

Os fenómenos psíquicos (metapsíquicos ou espíritas) transcenderam os limites estreitos dos laboratórios e fazem a ronda do público sob diversos nomes e em cenáculos numerosos. O Prof. Vieira de Almeida, com a característica ironia bem de acordo com um espírito brilhantíssimo que faz dele um grande português, disse que tais fenómenos ainda são considerados por alguns como “artes demoníacas”, mas que o verdadeiro amante do saber deve alegrar-se, vendo as suas teorias abaladas... Na verdade, assim é. Semelhante facto representaria um índice de progresso mental, em harmonia com a insatisfação humana.

(Artigo não assinado e publicado na Revista Portuguesa ESTUDOS PSÍQUICOS de Setembro de 1952).

\*

# NA EDIFICAÇÃO DA FÉ

Ninguém edificará o santuário da fé no coração, sem associar-se, com toda a alma, naquilo que é de belo e de superior dentro da vida.

Para alcançar, porém, a divina construção, não nos bastam os primores intelectuais, a eloquência preciosa, o êxtase contemplativo ou a desenvoltura dos cálculos no campo da inteligência.

Grandes génios do raciocínio são, por vezes, demónios da miséria e da morte.

Admiráveis doutrinadores, em muitas ocasiões, são vitrines de palavras brilhantes e vazias.

Muitos adoradores da Divindade, frequentemente, mergulham-se na preguiça a pretexto de cultuar a Glória Celeste.

Famosos matemáticos, não raro, são símbolos de sagacidade e exploração inferior.

Amemos o trabalho que a Eterna Sabedoria nos conferiu, onde nos situamos, afeiçoando-nos à sua execução sempre mais nobre, cada dia, e seremos premiados pela grande compreensão, matriz abençoada de toda a confiança, de toda a serenidade e de todo o engrandecimento do espírito.

Para penetrar os segredos da estatuária, o escultor repete os golpes do buril milhares de vezes.

Para produzir o vaso de que se orgulhará em missão bem cumprida, o oleiro demora-se infinitamente ao contacto da argila.

Para expor as peças com que enriquecerá o conforto humano, o carpinteiro, de mil modos, recapitulará o aprimoramento do tronco bruto.

Não te queixes se a fé te não coroa a razão.

Consagra-te aos pequeninos sacrifícios, na esfera de tuas diárias obrigações; à frente dos outros, cede de ti mesmo, exercita a bondade, inflama o otimismo por onde passes, planta a gentileza de teus sonhos, movimenta-te no ideal de sublimação que elegeste para alvo de teu destino.

Aprende a repetir para que te aperfeiçoas...

Não vale fixar indefinidamente as estrelas, amaldiçoando as trevas que ainda nos cercam.

Acendamos a vela humilde de nossa boa vontade, no chão de nossa pobreza individual, para que as sombras terrestres diminuam, e o esplendor solar sintonizar-te-à com a nossa flama singela.

A tomada insignificante é o reflector da usina, quando ligada aos seus poderosos padrões de força.

Confessemos Jesus em nossos actos de cada hora, renovando-nos com Ele e sofrendo felizes em seu roteiro de

renúnciação, auxiliando a todos e servindo, cada vez mais, em Seu nome, e, de inesperado, reconheceremos nossa alma inundada por alegria indizível e por silenciosa luz...

É que o trabalho de comunhão com o Mestre terá realizado em nós a sua obra gloriosa, e a fé perfeita e divina, por tesouro inalienável, brilhará connosco, definitivamente, incorporada à nossa vida e ao nosso coração.

### ***EMMANUEL***

(In: MEDITAÇÕES DIÁRIAS, edição Ide, 2010, pgs. 60 a 63).

\*

*Chegada, pois, a tarde daquele dia, o primeiro da semana, e cerradas as portas da casa onde os discípulos, com medo dos judeus, se tinham ajuntado, chegou Jesus e pôs-se no meio deles e disse-lhes: - Paz seja convosco.*  
- JOÃO, 20 : 19.

\*